



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

**DOC.NORDESTE: PALAVRAS E EXPRESSÕES DE LAGOA DO ITAENGA/PE E
ARAPIRACA/AL**

CLÁUDIO ADÃO DOS SANTOS

FLORIANÓPOLIS

2019

Cláudio Adão dos Santos

**DOC.NORDESTE: PALAVRAS E EXPRESSÕES DE LAGOA DO ITAENGA/PE E
ARAPIRACA/AL**

Trabalho Final apresentado como requisito à conclusão do Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de Blumenau.

Orientadora: Profª. Dra. Roberta Pires de Oliveira

Coorientador: Kayron Campos Beviláqua

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Cláudio Adão

Doc.Nordeste: : Palavras e Expressões de Lagoa do Itaenga/PE e Arapiraca/AL. / Cláudio Adão Santos ; orientador, Roberta Pires Oliveira, orientador, Kayron Beviláqua, coorientador, Celdon Fritzen, 2019.
44 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Linguagens e Educação a Distância, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.Linguagens,Literatura, Tecnologias, Língua, Sociolinguística.. 3. Pernambuco. 4. Alagoas. 5. Cultura. 6. Youtube. I. Pires Oliveira, Roberta . II. Beviláqua, Kayron. III. Fritzen, Celdon . IV. Universidade Federal de Santa Catarina. Linguagens e Educação a Distância. V. Título.

Cláudio Adão dos Santos

**DOC.NORDESTE: PALAVRAS E EXPRESSÕES DE LAGOA DO ITAENGA/PE E
ARAPIRACA/AL**

O presente trabalho em nível de especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros: Kayron Campos Beviláqua (IFSC), Me., Livia de Melo Reis (UFSC), Me., Universidade Federal de Santa Catarina, Ruan de Souza Mariano (SED/SME), Dr. Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Celdon

Fritzen:55654711920

Assinado de forma digital por

Celdon Fritzen:55654711920

Dados: 2019.12.26 15:24:02

-03'00'

Prof. Celdon Fritzen , Dr.

Coordenador do Curso



Documento assinado digitalmente

Roberta Pires de Oliveira

Data: 26/12/2019 18:54:35-0300

CPF: 050.202.418-65

Prof.^a Roberta de Oliveira, Dr.^a
Orientadora

Prof. Kayron Campos Beviláqua, Me.
Coorientador

Florianópolis, 06 de setembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que contribuíram para que a realização da monografia, a qual teve como produto final a criação midiática (documentário) se concretizasse. Aos participantes que disponibilizaram tempo de suas vidas para as entrevistas e me receberam em suas casas, gratidão imensa.

Agradeço, especialmente à colaboração de Verônica M. do Nascimento e Luís Gomes do Nascimento e à Cristina Maria do Nascimento, por sempre me ajudarem quando mais precisei de ajuda.

À minha companheira de vida, Maria José do Nascimento, agradeço pela atenção, carinho e compreensão de sempre, durante os meus momentos de estudos.

À minha família, pelo apoio e incentivo aos estudos desde criança, agradeço. Não esqueci nossas raízes. Especialmente dedico esse trabalho às minhas avós, Maria Julia da Conceição e Cícera Maria da Conceição.

Quero agradecer a atenção especial de Marina Siqueira Drey durante a construção do Projeto de Pesquisa e aos orientadores Roberta Pires de Oliveira e Kayron Beviláqua pelas orientações dedicadas. Ao Emilio Gozze Pagotto, pelas conversas e encorajamento, gratidão.

RESUMO

Este estudo e produção midiática (documentário) têm como objetivos a construção e ampliação do conhecimento acerca do português do nordeste e sua cultura, com base em uma pesquisa sobre palavras e expressões realizada em duas cidades, Lagoa do Itaenga/PE e Arapiraca-AL. A divulgação científica e cultural será realizada em um Canal no Youtube. Lançamos mão de conhecimentos e aplicação de aspectos da linguagem cinematográfica e produzimos um curta-metragem. Utilizamos como metodologia o trabalho de campo etnográfico, conhecimentos da sociolinguística e do audiovisual para mostrarmos palavras e expressões das duas cidades. Identificamos a ausência de vídeos no Youtube de materiais que servissem para o ensino de língua portuguesa e sua cultura, e que, especificamente, abordassem o tema em Pernambuco e Alagoas. Cumprimos o desafio de produzir um filme e criar um Canal no Youtube, Repositório Digital de grande acesso público, para divulgar esta produção audiovisual e outros projetos vindouros. Assim, procuramos contribuir com os estudos linguísticos e a divulgação científica e cultural brasileira.

Palavras-chave: Português do Nordeste, Cultura, Pernambuco, Alagoas, YouTube.

ABSTRACT

This study and media production (documentary) aims to build and expand knowledge about northeastern Portuguese and its culture, based on a research on words and expressions conducted in two cities, Lagoa do Itaenga / PE and Arapiraca-AL. The scientific and cultural dissemination will be held on a YouTube Channel. We use knowledge and application of aspects of film language and produce a short film. We use as methodology the ethnographic field work, knowledge of sociolinguistics and audiovisual to show words and expressions of the two cities. We identified the absence of videos on Youtube of materials that served to teach Portuguese language and its culture, and specifically address the topic in Pernambuco and Alagoas. We met the challenge of producing a movie and creating a YouTube Channel, a widely accessible Digital Repository, to promote this audiovisual production and other upcoming projects. Thus, we seek to contribute to language studies and the scientific and cultural dissemination of Brazil.

Keywords: Northeast Portuguese, Culture, Pernambuco, Alagoas, YouTube.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem do Vídeo "Sotaques do Brasil"	12
Figura 2 – Imagem do Vídeo "Conheça o pernabuguês"	13
Figura 3 – Imagem do documentário.....	13
Figura 4 –Mapa do Nordeste.....	15
Figura 5 – Foto de Lagoa do Itaenga.....	16
Figura 6 – Foto de Arapiraca.....	16

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Palavras.....	24
--------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PE	Pernambuco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O PERCURSO DE ESTUDOS, UM ROTEIRO NÃO FILMADO?.....	10
3.DELIMITAÇÃO DO TEMA E VÍDEOS	11
4. HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DE PERNAMBUCO E ALAGOAS	14
4.1 AS CIDADES DE LAGOA DO ITAENGA/PE E ARAPIRACA/AL.....	15
5.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
6.METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.....	19
7.RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	29
ANEXOS.....	35

1. Introdução

É cada vez mais frequente a prática de busca de vídeos no YouTube com objetivo de encontrar informação e/ou conhecimento sobre algum tema ou acontecimento histórico. Por exemplo, algumas áreas, como escolas de concursos e de cursos online ead, utilizam repositórios digitais para postagens de vídeos que são utilizados com fins educacionais e informacionais. Em uma pesquisa prévia, que realizei no YouTube, não localizei vídeos que abordassem o Português do nordeste nas cidades de Arapiraca-AL e Lagoa do Itaenga/PE, por isso, fiz este documentário no interior desses dois estados para ampliar conhecimento sobre o Português falado no nordeste e sua cultura, por meio deste estudo e divulgação em um Canal do Youtube. Assim, espero contribuir com os estudos linguísticos e ao mesmo tempo com a divulgação científica e cultural.

Em uma pesquisa na internet, de vídeos postados no YouTube, sobre o Português do nordeste, encontrei vídeos de caráter muito amplo sobre o Português e sua cultura, a maioria deles realizado por não especialistas e com algumas noções equivocadas do que sejam aspectos ou conceitos da língua.

Encontrei também dois vídeos que podem ser utilizados como material de ensino, mas que precisam ser complementados com conteúdos em sala de aula, também por serem muito amplos. O vídeo mais bem elaborado e disponibilizados no Youtube é *Sotaques do Brasil*, da Rede Globo, uma série de reportagens que tratam do *Atlas Linguístico Brasileiro*. Ele traz um panorama sobre a língua falada em muitos estados. O segundo vídeo, intitulado *Conheça o Pernambuês e fique por dentro das gírias do nordeste*, da Rede Record, informa sobre o Português de Pernambuco. Os demais vídeos, muitos deles de youtubers, apesar de mostrarem palavras e expressões regionais, não são adequados para fins didáticos devido à inconsistências de noções e conceitos teóricos.

Inicialmente, analisei dois vídeos disponibilizados no YouTube, recuperarei algumas referências dos estudos linguísticos sobre o Português no nordeste, para então, criar um roteiro para realizar entrevistas com os sujeitos nordestinos de duas cidades, com o intuito de identificar os usos dos léxicos ou expressões mais utilizadas e consideradas próprias de dialetos da região nordeste. Em seguida, fui a campo e realizei gravações no interior do país, assim ultrapassei alguns limites que circunscrevem trabalhos apenas de análise bibliográfica

ou apenas de produção midiática, os quais elegem grandes centros urbanos ou cidades mais conhecidas país afora, como no caso dos vídeos da *Rede Globo e da TV Record*.

2. O percurso de estudos, um roteiro não filmado?

Para chegar à produção deste Trabalho Final, do Curso de Especialização, fiz um percurso que permitiu pensar língua(gens), culturas e os usos de novas tecnologias. Durante a realização do *Módulo I Intimidades*, na Unidade I, ministrada pela professora Tânia Regina Oliveira Ramos, conheci o livro *Infância*, de Graciliano Ramos, cuja leitura concluí em Alagoas e, em seguida, iniciei a observação para esta monografia, com o intuito de fazer algo que lembrasse as minhas raízes históricas e sociais.

Na Unidade 2, ministrada pela professora Roberta Pires, no Curso de *Especialização em Linguagens e Educação a Distância*, eu tive a oportunidade de realizar a análise de uma entrevista, proposta em uma atividade, uma hipótese sobre entrevista, em que realizei um artigo intitulado *Uma breve análise de (-r) de retroflexo na fala de um informante do interior de SP*. Nesse momento, eu tive contato com o artigo *Nas trilhas do -R retroflexo*, de Brandão (2007) em que o autor traz dados de pesquisas sobre a pronúncia de -R retroflexo em vários estados do Brasil. Mais uma vez tive contanto com a indicação de *O dialeto caipira*, de Amaral (1976), presente na bibliografia do artigo.

No Módulo II, Suportes Narrativos, na Unidade 2, ministrada pela professora Ana Livia Santos Agostinho, língua e cultura foram correlacionadas, sendo possível fazer uma reflexão importante sobre este tópico. No Módulo III, Suportes Narrativos, aprendi um pouco sobre roteiro e edição de vídeo com professor Josias Hack.

Após esse percurso acadêmico e visitas à Alagoas e a Pernambuco, surgiu a ideia de propor um projeto de produção midiática como Trabalho Final, isto é, um documentário com um estudo e um recorte muito específico, ou seja, o Português do nordeste e sua cultura: em duas cidades de sub-regiões do nordeste brasileiro, Lagoa do Itaenga, na zona da mata pernambucana e Arapiraca, no agreste alagoano.

Portanto, para pensar e realizar o projeto de criação midiática foi extremamente necessário articular Unidades dos três Módulos do Curso de *Especialização em Linguagens e Educação a Distância*, para culminar na elaboração do Trabalho Final. Por exemplo, foram muito importantes a atividade com base na entrevista citada, as reflexões sobre língua e cultura e os estudos e a produção de vídeo no módulo III.

Somando-se a todas as experiências aqui expostas, as leituras das bibliografias das disciplinas dos módulos, enriqueceram o meu repertório. Portanto, cruzei de forma indissociável estudo de língua com uso de tecnologia, por meio de um documentário, disponibilizado em um Canal do YouTube no link <https://www.youtube.com/channel/UCrARCr3dBXRIF5Rp5NFPZBQ>.

As palavras que ficaram marcadas durante as tarefas do *Curso Especialização em Linguagens e Educação a Distância* foram “integrar ensino de língua e literaturas às tecnologias”. Neste sentido, este documentário e estudo servirão como material de ensino para estudantes de diferentes níveis de ensino e modalidades (presencial, semipresencial e EAD) e também contribui como pesquisa científica na área dos estudos linguísticos. Sobre a pergunta: um percurso de estudos, um roteiro foi filmado? Sim, por um lado, ele é um roteiro filmado, por outro lado, ele não é um roteiro filmado, mas o percurso-roteiro ganha materialidade quando é escrito e expresso, em alguma medida, por meio de filme e divulgado no Youtube.

3. Delimitação do tema e vídeos

Além de contribuir com os estudos linguísticos e a divulgação científica e cultural, esta pesquisa aplicou a proposta do curso de integrar abordagens de língua, literatura e tecnologias na contemporaneidade.

Realizei uma busca de vídeos no Youtube sobre o Português falado em Pernambuco e em Alagoas. A série de reportagens *Sotaques do Brasil - Jornal Hoje - desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro*, da Rede Globo é o vídeo mais bem elaborado acerca de fenômeno da língua e conta com análise de linguistas de universidade brasileiras, que discutem os resultados do trabalho do *Atlas Linguístico Brasileiro*, feito na Universidade Federal da Bahia.

O vídeo *Sotaques do Brasil* trata da pronúncia de /E/, /O/, /R/, /S/ e da ditongação em várias regiões do país para mostrar diferentes sotaques. O vídeo abordou também o uso de pronomes em diferentes lugares, a prosódia e significados de palavras. Além disso, foram destacadas as influências históricas do Português usado pela corte, de línguas indígenas e línguas africanas na conformação do Português do Brasil. Esta reportagem da Rede Globo é o trabalho disponível no Youtube mais completo e também muito didático sobre a diversidade do Português. Ela chegou até a divisa de Pernambuco com Alagoas, mostrando as belezas de Maragogi.



Figura 1 – Vídeo “Sotaques do Brasil - Jornal Hoje - desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uSzZ5v145hI>

O segundo vídeo que selecionei é *Conheça o Pernambuquês e fique por dentro das gírias do nordeste*, da *Rede Record*. Ele mostra expressões do “pernambuquês”, assim como o da *Rede Globo*, exhibe elementos culturais, por exemplo, o boneco de maracatu, da imagem abaixo. Este vídeo se ocupa com palavras e expressões do Estado de Pernambuco. Ele faz parte da mesma série de reportagens *Achamos no Brasil*, sobre palavras e expressões. A *Rede Record* tem um vídeo intitulado *Repórter traduz o dicionário da Bahia*, no qual compara o vocabulário da Bahia com o de Pernambuco.

Sobre Alagoas, o *Achamos no Brasil* tem o vídeo chamado “Maga encontra imitador que faz sucesso nas ruas de Maceió”, o programa foi à cidade não para falar de palavras e expressões, mas para encontrar um imitador de artistas.



Figura 2 – Vídeo 2: Conheça o “pernambucês” e fique por dentro das gírias do Nordeste

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yuEUV3YFINQ&t=78s>

Após a análise de vídeos e algumas leituras preliminares, fiz a produção midiática *Doc.nordeste: Expressões de Lagoa do Itaenga/PE e Arapiraca/AL*, um documentário sobre o Português do nordeste nas duas cidades. Mais sobre o documentário, no link <https://www.youtube.com/watch?v=ag-VuXXYu3I> e no anexo B.



Figura 3– Vídeo 3: Documentário produzido.

4. História do Português de Alagoas e de Pernambuco

O estado de Alagoas tem sua origem em Pernambuco. Marroquim (1934) afirma que histórica, política e economicamente, Alagoas sempre esteve presa e ligada a Pernambuco como um só corpo. O autor destaca a história de formação do Brasil, em quatro grandes células:

Constituíram-se quatro grandes cellulas fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo: a de Pernambuco, que gera os nucleos secundarios de Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagôas e cuja influencia maternal sempre obedeceu (na guerra dos mascates, 1710-12, na revolução de 1817, na confederação de Equador) ; a da Bahia, que absorve Ilheus, Porto Seguro e Sergipe; a de S. Paulo donde evolve todo o oeste com os bandeirantes, Goiaz, Minas, Matto-Grosso; a do Rio que pelo elemento official faz nascer, e já tarde, as capitancias do extremo sul".
(p.15)

Marroquim (1934) também chama atenção para a importância do rio São Francisco como um acidente geográfico, que se impõe como um marco natural na divisão das capitancias, assim Pernambuco dispunha de sessenta léguas de litoral, possessão que ao norte se limitava pelo rio Santa Cruz e no sul pelo grande rio. Alagoas era parte do território de Pernambuco. Por essa questão natural, foi possível maior acesso de Pernambuco ao espaço que hoje é Alagoas, pois da Bahia para Alagoas, temos o rio São Francisco no meio do caminho.



Figura 4- Mapa da Região Nordeste. Fonte IBGE

4.1 As cidades de Arapiraca/AL Lagoa do Itaenga/PE

A cidade de Arapiraca tem sua origem a partir do povoamento realizado por Manoel André Correia dos Santos e sua família, vinda do Município de *Palmeiras dos Índios*, em 1848. Tornou-se município em 30 de outubro de 1924. A palavra tem origem indígena e significa “o ramo que a arara visita”. O seu fundador, Manoel André, foi quem deu o nome de Arapiraca, uma árvore, isto é, uma espécie de angico branco comum no agreste e no sertão.

Atualmente, Arapiraca é segunda maior cidade de Alagoas, a mais importante do interior do estado e tem população superior a 230 mil habitantes, segundo dados da Prefeitura, retirados do IBGE, em 2018. Historicamente, de acordo com informações do site da prefeitura, na economia, a estrutura fundiária é conhecida pela plantação de fumo e de mandioca. A produção agrícola é do tipo familiar.



Figura 5- Lagoa do Itaenga/PE. Arquivo pessoal.



Figura 6- Arapiraca/AL. Arquivo pessoal.

Em uma busca, na internet, no site da prefeitura da cidade de Lagoa do Itaenga, não encontramos dados históricos. A página “Cidade/História de Lagoa do Itaenga” não está disponível. Utilizamos informações do site Wikipedia. Segundo informações deste site o nome da cidade, criada em 1963, é de origem tupi-guarani, significa lagoa da pedra grande, pedra grade (*Ita* na língua tupi-guarani) e uma vegetação brava (*Enga*, também do tupi-guarani), assim se juntamos as palavra *Ita + Enga*, forma-se o nome da cidade, *Lagoa de Itaenga*. A cidade é conhecida por sua famosa festa de São Sebastião, a corrida de jericos e seus grupos de maracatus, coco-de-roda e mamulengos.

Os nomes das duas cidades, de origem indígena, Arapiraca/AL, e Lagoa do Itaenga/PE, nos fazem recordar a observação de Marroquim (1934), de que a lexicologia e a variedade dialetal do nordeste têm um tríplice origem. A primeira origem é o português arcaico, língua introduzida no século XVI, durante o descobrimento, e que, nas palavras do autor: *deixou enquistadas no falar do povo palavras expressões hoje arcaicas no português*. No nosso estudo, a palavra arcaica, encontrada e ainda muito utilizada, é *sovino*, para definir uma pessoa mão-de-vaca, que gosta de economizar dinheiro. Essa palavra, não desapareceu do português e é usada frequentemente nos povoados visitados, além de ser muito conhecida na cidade de Arapiraca.

A segunda origem da variedade dialetal, para Marroquim (1934), são a derivação e a composição dialetais. Para o autor, o dialeto popular herdou do português a faculdade genial de enriquecimento pela tematologia. Para o autor, a terceira origem é a contribuição estrangeira, ou seja, o tupi e as línguas africanas, as quais encheram o quadro dialetal com uma quantidade enorme de termos que dizem respeito à geografia, fauna, flora e também a usos e a costumes. A palavra “estrangeiro” é usada no sentido de termos e vocábulos serem originários de outras línguas.

No tupi, por exemplo, temos as palavras Catende, Coruripe, Maragogy, Maceió, Pernambuco, Traipú, Suape (para lugares) e tantas outras como *cafundó*, *caipora*, *capim*, *caipira*, *cutia* etc. Das línguas africanas temos palavras como *angú*, *batuque*, *birimbaú*, *bunda*, *fubá*, *guiné*, *moleque*, *maracatu*, *missanga*, *quilombo*, *quiabo*, *zabumba*, *zumbi* e tantas outras incorporadas, e que, hoje fazem parte do vocabulário do Português brasileiro.

5. Fundamentação Teórica

Sabe-se que nem sempre é fácil fazer áreas distintas, com objetos e metodologias de estudos tão diferentes, conversarem. Por um lado há possibilidades de diálogo e limites, por outro lado, pode-se ter um ecletismo descabido ou um trabalho pouco científico. Consciente desse movimento arriscado, mas produtivo, busquei estabelecer algumas conexões e necessárias, por exemplo, entre Linguística e Literatura, pois tratar de um fenômeno linguístico, por meio de um documentário, careceu de um pouco de narrativa e até mesmo de poesia para caracterizar o lugar e trazer elementos culturais.

Esta produção midiática trouxe desafios ainda não superados e algumas digressões também necessárias. Também não foi fácil entender a linguagem audiovisual e entrar em contato com a teoria sobre cinema, não se tratava apenas de aprender e aplicar técnica, sobretudo foram fundamentais conhecimentos básicos sobre cinema, uma arte e uma área de estudos muito específica. Talvez a proposta do *Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância* tenha me colocado nesta direção, por ser inovadora.

Neste percurso, também foi necessário recuperar brevemente a história do português no Brasil com a *Língua do Nordeste, Alagoas e Pernambuco*, de Marroquim (1934), que mostra como já visto no capítulo 4 *História do Português de Alagoas e de Pernambuco*, a formação histórica do Estado de Alagoas tem ligações políticas, econômicas diretas com Pernambuco.

Sobre cinema e educação foi muito importante retomar a história de criação do cinema, em 1985, no contexto do advento da Revolução Industrial, chegar à discussão recente do cinema-indústria e a utilização de filmes em escolas e universidades, a partir da leitura de Campos Jr. (2007). O autor nos mostra que é preciso conhecer sobre cinema para utilizá-lo em aula com suas características próprias, como uma ferramenta e não apenas como acessório.

Neste sentido, aprofundamos a pesquisa sobre cinema e roteiro com o artigo *Quando filmes são palavras: uma introdução aos estudos de roteiro*, de Gonçalves (2017), tendo em vista a necessidade de pensar e escrever um roteiro para o documentário em questão. O autor observa que existem diálogos intermediais, por exemplo, entre roteiro e o filme, em que textos não querem mais ser textos, tornam-se filmes. O roteiro possui características estéticas e ganha importância ao longo da história do cinema. Segundo Gonçalves, ele não é apenas uma anotação técnica, possui qualidade literária e é um discurso sobre história, produzido por roteiristas-autores. Assim, nas palavras do autor, “roteiros podem expressar História ao invés de (apenas) story”.

Ao tratar das técnicas de cinema, a exemplo, da the technique of the Photoplay e da Screen Idea Work Group, Gonçalves (2017) mostra que o cinema experimentou de técnicas mais individuais, especializadas, até um trabalho mais coletivo, que enfatiza e realça o trabalho de grupo, dinâmico, horizontal e que tem passagens entre o roteiro e o storyboard. O autor destaca também a relação entre cinema, roteiro e literatura, mostrando que o roteiro, em um gesto sempre fronteiro, é intermedial e uma zona da escrita como um ponto de fricção, e que, com um roteiro praticado, filme são palavras.

Foi pensando em palavras, expressões, seus significados contextuais e na divulgação delas por meio de um filme, que fomos às cidades de Arapiraca/AL Lagoa do Itaenga/PE, em duas comunidades, construir pequeno corpus e uma narrativa. Utilizamos o método etnográfico (GEERTZ, 2008) e a entrevista sociolinguística Labov (1972 [2008]).

6. Metodologia e procedimentos

A partir de uma leitura, não totalmente consensual, de Clifford Geertz (2008), que lança mão de uma teoria cultural interpretativista, realizei um trabalho de campo etnográfico com observação e participação. O trecho a seguir explicita parte da densidade do trabalho etnográfico, descrita pelo autor:

O que é importante nos achados do antropólogo é sua especificidade complexa, sua circunstancialidade. É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos com os quais se aflige a ciência social contemporânea — legitimamente, modernização, integração, conflito, carisma, estrutura... significado podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles. (p17).

Nem sempre é fácil pensar com conceitos como bem explicita Geertz (2008), isto é, operar com eles, principalmente quando os mesmos não são apenas ideias, mas práticas de uma metodologia como o trabalho de campo etnográfico e suas especificidades.

Realizei o trabalho de campo etnográfico em algumas etapas: em 13 dias (de 22 de janeiro a 03 de fevereiro de 2018), 31 dias no ano de 2018, (de 12 março a 13 abril) e as gravações e coleta de dados linguísticos, por meio de gravações, durante uma semana em junho de 2019, de 04 a 10 de junho de 2019. Fiz um roteiro de gravação com descrição preliminares do espaço, tópicos e cenas. Foi feita elaboração de perguntas para as entrevistas a partir de observações prévias com objetivo de identificar palavras e expressões.

A observação direta do cotidiano dos sujeitos participantes do documentário foi realizada a fim de estabelecer as correlações entre língua e cultura, realizadas por grupos de moradores das duas cidades. Incluímos técnicas e procedimentos de pesquisa, por exemplo, usamos um caderno de campo.

O documentário buscou alguns momentos do cotidiano e registros espontâneos, por meio de entrevistas sociolinguísticas sobre palavras e/ou expressões. Fizemos a identificação de pronúncias de palavras e expressões utilizadas na cidade de Lagoa do Itaenga (PE) e em Arapiraca (AL).

Em relação às técnicas de filmagem, levamos mais de um equipamento, porém, não foi possível utilizar tripé para suporte de gravação e mais de um celular ou câmera de vídeo para não chamar atenção. As cidades dos dois estados estão muito violentas e os moradores recomendaram algumas preocupações com a nossa segurança.

Sobre a edição de vídeos, foi necessário estabelecer uma parceria com um profissional de audiovisual. Foi possível aprender apenas noções básicas de edição, de organização do trabalho e utilização de ferramentas próprias do processo de edição de vídeos. Para isso se fez necessária, uma agenda de trabalho com reuniões e apontamentos para finalização do documentário com revisão de roteiro, escolha de músicas, elaboração de ficha técnica, logos institucionais, discussão de recursos artísticos audiovisuais, tratamento de imagens, previsões de edição off-line, pré-online, online, separação de pastas de arquivos.

Acrescenta-se às técnicas e procedimentos, a documentação necessária a um trabalho feito com pessoas, por exemplo, o termo de livre consentimento, com a cessão do direito de uso de voz e da imagem do participante.

Este ponto da ética é fundamental, é um elemento ao trabalho de campo indispensável, exposto por Sanches-Mendes (2014). Esta autora, com base na Semântica Formal, além de discutir o trabalho ético, analisou e testou por meio da *tradução e do julgamento do valor de verdade*, o significado de palavras e expressões de uma língua indígena observando sentenças, dentro de contextos, de forma não isoladas. No trabalho de campo do Doc.Nordeste, levamos em conta também a elicitación, no entanto, nesta pesquisa, nem todas as tentativas foram bem sucedidas, ao direcionar perguntas para obtermos as respostas.

7. Resultados e discussão

Foi durante uma pescaria, no verão, em uma comunidade de pescadores, no açude do Vale do Perucaba, em Arapiraca, que, talvez, a grande descoberta deste estudo foi realizada. Trata-se do uso do adjetivo *mochila*. A palavra *mochila* aparece nas sentenças, como:

- 1) *João é mochila.*
- 2) *Ele é mochila.*
- 3) *Deixe de ser mochila.*

Em todas as sentenças, o adjetivo *mochila* serve para dizer que João é mão-de-vaca, em contextos em que algo é negado, por exemplo, a cachaça.

Outra grande descoberta, no sentido de observar a ocorrência de pronúncias de palavras, foi notar a variação fonético-fonológica de /S/ e a queda desta fricativa em coda silábica na cidade de Recife, capital do Estado. Este fenômeno é muito recorrente em Lagoa do Itaenga, cidade do interior onde fizemos a pesquisa e o documentário.

Sobre a expressão *queda da boba* ela é muito utilizada em Arapiraca. Eu já a conhecia desde de criança, e a ouvi novamente, falada não somente por pessoas da minha geração, mas também por pessoas que moram no povoado São Lourenço, em povoados distantes e até mesmo em bairros do centro da cidade. Ela é uma expressão comum, usada com o mesmo significado e compartilhada por sujeitos de diferentes faixas etárias e diferentes níveis de escolaridade.

Ouvir a expressão *queda da boba*, no lugar para onde retornei para visitar e estudar, depois de 22 dois anos, e perceber que lembrava que o significado de *cair uma queda da boba*, era *sofrer uma queda forte*, foi incrível. Foi mais incrível ainda porque a ouvi em cima de uma moto, a sorte é que nesse dia, eu não tive uma *queda da boba*.

Encontramos na fala de alagoanos, a expressão *queda da boba* como em:

- 4) *Ele teve uma queda da boba.*
- 5) *Ele caiu uma queda da boba.*
- 6) *Ele sofreu uma queda da boba.*

Em todas as sentenças, elas independente do verbo usado, o sentido de *queda da boba* é o mesmo, ou seja, uma queda grave, forte. A pergunta para confirmar o sentido da expressão foi “o que é uma queda da boba”, uma pergunta direta. Esta expressão é utilizada por jovens e velhos, no povoado e também na cidade.

Diferentemente da expressão *queda da boba*, o adjetivo *mochila*, para definir uma pessoa mão-de-vaca, é usado mais pelos jovens. Há ocorrências de uso do adjetivo em um bairro da cidade, mas a observação e a investigação, por meio das entrevistas e da observação, mostrou o uso do adjetivo apenas na comunidade *São Lourenço* e na comunidade de pescadores, composta por indivíduos que moram em bairros da cidade. Os mais jovens, nesta comunidade, também usam o adjetivo *sovino* para dizer que uma pessoa é mão-de-vaca, no entanto, eles estão utilizando mais a palavra *mochila* do que as demais para expressarem esse significado.

Os informantes foram divididos em três grupos de ambos os sexos, de 0 a 25 anos, de 25 a 50 anos e acima de 50 anos. Porém, não entrevistamos pessoas acima de 50. Nos dois primeiros grupos o uso do adjetivo *mochila* é frequente.

O uso da palavra *mochila* como adjetivo é muito peculiar a essa comunidade, tanto que, durante as pescarias, na primeira semana de trabalho etnográfico, eu não soube identificar o sentido e me confundia várias vezes, pensava que fosse apelido, ou a comparação com alguém. Outro dia, indo à pesca novamente, um dos pescadores foi acusado de “segurar”, esconder a cachaça no momento da refeição com peixe assado. Portanto, foi praticamente ao fim da pesquisa que entendi que a palavra *mochila* estava sendo usada como adjetivo, no contexto de esconder, segurar, economizar algo ou alguma coisa.

A palavra *sovino* foi utilizada pelos informantes para expressar que uma pessoa é má, isto é, uma pessoa *sovina* é também ruim. Logo as sentenças ouvidas e testadas pelo critério de julgamento de verdade, por exemplo, em:

- 7) João é *sovino*.
- 8) João é *mão-de-vaca*.
- 9) João é *mochila*.

As sentenças 7,8 e 9 são equivalentes em significados, para dizer que alguém é mão-de-vaca por negar algo. A pergunta utilizada foi “como vocês chamam uma pessoa mão-de-vaca?” As sentenças 7) João é sovino e 19) João é ruim, também são verdadeiras para expressar que alguém é ruim, no contexto em que algo é negado.

Portanto, o adjetivo *sovino* significa não apenas que uma pessoa é mão-de-vaca, que economiza dinheiro, mas também significa que ela é ruim ou má por negar algo. Não foi possível fazer a mesma análise para o adjetivo *mochila*, pois era necessário mais tempo para entrevistas repetindo o critério de julgamento do valor de verdade. A nova pergunta que surgiu foi: o adjetivo *mochila* significa apenas mão-de-vaca ou pode ser usado com outro sentido?

A intenção inicial deste trabalho era parear variáveis da mesma natureza para compará-las, porém, devido ao que o trabalho de campo me apresentou, obtive em Alagoas uma variável lexical, e em Lagoa do Itaenga além da variável lexical, encontrei também uma variável fonético-fonológica que se destacou, ou seja, a queda da fricativa /S/, um fenômeno muito produtivo na cidade. Porém, não aprofundei a compreensão acerca deste fenômeno, por ser necessário um recorte. Desta maneira escolhi, para explicar em todo o documentário palavras e expressões. As duas palavras, já discutidas, *mochila e sovino* funcionam como adjetivos, e as expressões *oxente e queda da boba*, como interjeições.

Abaixo, destaquei algumas palavras com a queda fricativa /S/. Este fenômeno será melhor detalhado em pesquisa do mestrado acadêmico que eu comecei a desenvolver. Vejamos:

Palavras	Apagamento de /S/
Dois	[doyØ]
Mais	[mayØ]
Faz	[fayØ]
Mês	[meyØ]
Rapaz	[rapayØ]
Seis	[seyØ]
Veze	[veyØ]
Três	[treyØ]
Cuscuz	[cuscuyØ]

Tabela 1: Palavras

Na tabela acima temos a ausência /S/ nas palavras com nos monossílabos finais dois, mais, faz, mês, seis, vez, três, pronunciados respectivamente como [doyØ], [mayØ], [fayØ], [meyØ], [seyØ], [treyØ]. As palavras com polissílabos finais rapaz e cuscuz como [rapayØ] e [cuscuyØ].

A ausência da pronúncia de /S/ em coda silábica, nas palavras da tabela, pronunciadas por pessoas de Lagoa da Itaenga é uma marca muito forte. Ela era esperada devido à análise da primeira fase da pesquisa, contudo a nossa surpresa, nesta segunda fase do trabalho de campo, foi encontrar ocorrência desse fenômeno em bairros da cidade do Recife, na capital. Sabemos que a identificação genérica de unidades da língua, sem um trabalho que aprofunde a análise linguística, não é um procedimento ideal, sem uma descrição e explicação mais completas, porém, eu não posso não informar essa identificação. Este também é o primeiro passo do nosso interesse pelos temas de estudos e fenômenos observados nas cidades.

Durante a recuperação do quadro teórico sobre estudos da fricativa /S/ encontramos os trabalhos de Hora e Pedrosa (2007), na Paraíba. Os autores realizam um estudo sobre /S/ em coda medial e final, em que foram identificados contextos de apagamentos. Os autores tiveram como base a Teoria da Sílabas e a Teoria da Otimalidade. O corpus analisado foi o VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba).

Acerca da questão cultural, nas duas cidades, busquei trazer alguns elementos, para não falar da língua sem contextualizar a comunidade em que ela é praticada. O documentário buscou mostrar aspectos culturais e sociais. A história de vida das pessoas também foi considerada, inclusive, a minha. Vale destacar também que não se faz um documentário sem um discurso construído, por exemplo, o do migrante que retorna ao seu lugar de origem como ato de não esquecer suas raízes.

Dessa maneira, o poema *Volta a Pernambuco*, de João Cabral de Melo Neto e *Revolta à Alagoas*, de Cláudio, têm a intenção de passar essa ideia e remetem a minha motivação pessoal de proposição e desenvolvimento desta pesquisa, assim como o uso obra autobiográfica *Infância*, de Graciliano Ramos, cumpre esse papel.

Por isso, as características narrativas e a poesia incluídas neste trabalho, em um fluxo não comum ao gênero trabalho linguístico, estão aqui de forma provocadora, criando diálogos e possibilidades diferentes para novos estudos em relação à língua, literatura, tecnologias e aos sujeitos históricos que disputam estas diversas áreas com trabalhos e discursos nelas produzidos. Em seguida, por exemplo, eu tomo posição acerca do fenômeno sociogeográfico atual Arapiraca.

Em Arapiraca, as terras da cidade passa pelo fenômeno sociogeográfico de vendas e loteamentos das terras, que empurra os moradores do sítio para a cidade e os aproxima dos bairros, deixando o povoado com características de sítio e bairro da cidade ao mesmo tempo, como numa indefinição do que eles sejam. Essa proximidade talvez explique porquê pessoas do povoado, de alguns bairros ou que estejam na mesma comunidade de pescadores, utilizem e compartilhem do mesmo significado do adjetivo *mochila*.

Este fenômeno sociogeográfico talvez não tenha sido aqui bem explicado e esse não é o meu objeto de estudo, nem minha pretensão. Mas é preciso dizer que em Arapiraca parece haver uma forte tendência da “cidade engolir os povoados”, ou deixa-los à margem, em relação à cidade e grandes condomínios residenciais. Com a crise do setor fumageiro, em terras que antes se plantava fumo, foram e estão sendo construídos condomínios residenciais. Trazer este contexto histórico recente se fez necessário para explicitar os cenários de interações linguísticas entre os participantes que conversam nesses povoados e bairros.

Uma das questões sociais deste contexto é: dentro desse processo de mudança, em que avançam os condomínios e bairros, os povoados se tornarão bairros, distritos, ou continuaram existindo como povoados, com ausências ou com equipamentos públicos suficientes ou insuficientes? O que muda na vida das pessoas e o que muda na língua são questões correlacionadas, difíceis de explicar por serem altamente complexas. No entanto, trazemos aqui alguma notícia, colocada apenas como um apontamento de fora, não colocada pelos moradores que lá permaneceram. Porém, como antigo morador de fazenda que migrou e frequentador do sítio dos parentes, este é um questionamento meu, uma vez que sítios e fazendas não existem mais, povoados são criados ou mantidos em tais condições, e sobretudo, por eu estudar a língua e a expressão da minha cultura.

Considerações Finais

Este trabalho de pesquisa identificou em uma comunidade de moradores de Arapiraca, usos de vocábulos que são frequentemente utilizados, por exemplo, *sovino e mochila* que funcionam como adjetivos para dizer que uma pessoa é mão-de-vaca e as expressões *oxente e queda da boba* que funcionam como interjeições.

Em Lagoa do Itaenga, alguns entrevistados declararam conhecer a expressão *queda da boba*, mas não conhecer o adjetivo *mochila* e a palavra *empasinado*. Em toda Lagoa do Itaenga é muito saliente a queda da fricativa /S/ na pronúncia de palavras, em contexto final diante de vogal, porém não analisei esta variante fonético-fonológica. Em Lagoa do Itaenga, o uso da expressão *oxente* é muito recorrente. Em Arapiraca identificamos a forma *voti* da expressão *oxente*.

A produção midiática *Doc. Nordeste: palavras e expressões de Lagoa do Itaenga e Arapiraca Alagoas* criou uma narrativa do migrante nordestino que retorna e não esquece de suas raízes, embora não explícita, ela foi mesclada com o documentário do tipo expositivo. Além disso, o documentário buscou dar notícias sobre o preconceito regional contra nordestinos com o poema *Re-Volta à Alagoas*, de Santos (2009).

A metodologia de trabalho de campo em Linguística e a etnografia permitiram pensar questões da língua com questões socioculturais, dessa maneira com a observação direta e por meio da entrevista sociolinguística foi possível identificar os significados das palavras utilizadas e descobrir o uso de um novo adjetivo, a palavra *mochila*, em uma comunidade de pescadores e em um povoado em Arapiraca.

A cidade de Arapiraca passa pelo fenômeno sociogeográfico de vendas e loteamentos das terras, que empurra moradores dos sítios para os povoados, e que, numa dinâmica própria, passaram a coexistir, povoados, bairros e condomínios, dessa forma, havendo dificuldade de identificação de limites espaciais. Em Lagoa do Itaenga, os limites espaciais são bem definidos, os sítios e povoados ficam mais distantes dos bairros da cidade. Essa dinâmica sociogeográfica foi considerada, pois moradores desses lugares estão cada vez mais em interação.

Ademais, é sempre um desafio tratar de um tema utilizando mais de uma área do conhecimento científico ou de estudos das artes, pois, evidenciar intersecções e estabelecer correlações é muito trabalhoso, requer tempo de amadurecimento e de realização de estudos. Os objetivos que eu tracei foram alcançados com a pesquisa realizada, a produção midiática concluída e com a criação do canal do Youtube para divulgação linguística, científica e cultural. Quando algo é genuíno e forte, resiste.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Josué de Castro. Documentário do Nordeste. Editora Brasiliense. São Paulo, 1957.
- CAMPOS JR., Luis de Castro. *Cinema, História e Literatura: Possibilidades de Diálogo*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Fonética e Fonologia do Português. São Paulo: Contexto:1999.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores 1978.
- HACK, Josias Ricardo. *Linguagem virtual e audiovisual na EAD*. In: TAFNER, Elisabeth P. et all. Produção de materiais autoinstrutivos para EAD. Indaial: ASSELVI, 2010. p. 59-87.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliane R. *Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados*. Revista Virtual dos Estudos da Linguagem-Revel. Edição Especial n. 1, 2007.
- GONÇALO, Pablo. *Quando filme são palavras*. Raído, Dourados, MS, v. 11, n. 28, jul./dez. 2017, n. especial - ISSN 1984-4018 123.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos. Capítulo 8- O estudo da língua em seu contexto social*. São Paulo: Parábola: 2008.
- MELO NETO, João Cabral. *Volta à Pernambuco* (Poema) in *Morte e Vida Severina in Poemas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- RAMOS, Graciliano Ramos. *Infância*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005.
- SANCHES-MENDES, Luciana. *Trabalho de campo para análise linguística em Semântica Formal*. Revista Letras, Curitiba, nº 90, p. 277-293, jul-dez 2014. Editora UFPR. ISSN 2236-0999 (Versão Eletrônica)
- SANTOS, Cláudio Adão. *Re-volta à Alagoas*. Poema Ms. feito para esse trabalho. São Paulo, 2019.
- SITE da prefeitura de Arapiraca: <http://web.arapiraca.al.gov.br/historia/>
- Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lagoa_de_Itaenga

APÊNDICES

APÊNDICE A –

Diário de campo: cenas reais guardadas na memória

O trabalho de campo, de cunho etnográfico e com observação participante foi realizado em Arapiraca/AL em janeiro, março a abril de 2018. Em junho de 2019, foi feita apenas observação e a filmagem deste documentário. Abaixo, anotações transcritas do diário de campo com alguns desses momentos dos anos de 2018 e 2019.

Arapiraca, 20 de março de 2018:

Andamos. Saímos cedo, porque de um povoado para o outro é muito distante. M. já de idade, seu esposo C. também um senhor já aposentado, vizinhos de meus parentes na época da fazenda de plantação de fumo. Eles me conheceram apenas quando criança. Os dois foram me contado, na narrativa deles, a história de minha família e os grandes acontecimentos do tempo em que trabalharam e viveram juntos.

Algumas histórias eu não recordava e só sabia passagens. Algumas paisagens eu não lembrava, em minha memória, elas pareciam fotos apagadas, que conforme andávamos ganhavam cores, luz, e, com as vozes desses dois que muito tinham a me dizer, parecia um filme. E eu a caminhar e a ouvir, fingia prestar a máxima atenção, repetindo palavras para mostrar que estava em comunicação, mas não estava ali, estava em outro tempo como em um sonho real em lugar que já habitara. Quando suas falas coincidiam com uma paisagem, com um acontecimento lembrado, e nesse momento, eu identificava essa plenitude de sentidos, me parecia um filme vivido como uma experiência já sentida agora.

Havia cruzeiros nas estradas para marcar o lugar onde alguém morreu, como o nome completo, datas de nascimento e falecimento. Eu perguntei, das duas cruzeiros do trecho que percorremos, dois eram parentes deles. Um que morreu a mais de 22 anos atrás, caído de um carro, quando iam trabalhar, eu me lembrava desse fato, o outro morrera no ano passado, vítima de um assalto.

Chegamos ao povoado e logo na entrada, avistei a minha primeira escola. Mesmo que tente descrever, as palavras não são suficientes. Mas posso dizer o que fiz. Entrei pelo portão, fui ao pátio, olhei dentro das duas únicas salas, fui à secretária e disse, com felicidade tamanha, à funcionária “estudei aqui!”, saí e olhei para a rua e não sei que sentimentos bons mais senti. Observei o povoado chamado Pau-Ferro, conversei com crianças e alguns adultos. Voltamos a pé novamente, num sol tão quente de alegrar a alma e aumentar a sede para toda a eternidade.

Arapiraca, 23 de março de 2018:

As duas mulheres, minhas tias, acordam cedo, por volta das 5:30 da manhã e às 6:00, já estão preparando os carrinhos para buscar capim para os dois bois, uma vaca, um bezerro e umas 10 cabras que criam no quintal de casa. À essa altura, minha vó já está ultrapassando em mais da metade do terreiro varrido. Ela varre, junta as folhas e as joga fora. Rir de feliz após varrer o quintal e vai tomar o café. Começar a preparar os alimentos para o café da manhã para os demais, isso por volta das 6:30/7:00 da manhã.

Nesse quase um mês, aqui em Arapiraca, eu aprendi a tirar capim, indo com minhas tias, e às vezes tios. Com as tias eu vou ao campo, com os tios eu vou ao açude, pescar.

Arapiraca, 24 de março de 2018:

M. tudo bem? A internet aqui no interior de Alagoas é lenta. Estava ou estou de férias em casa de minha avó. E a semana que vem vou à Palmeiras dos Índios, aqui em Alagoas, visitar o *Museu-Casa Graciliano Ramos*. Terminei de ler o romance *Infância* aqui na "minha terra" e estou feliz por tudo isso!

Arapiraca, 27 de março de 2018:

Meus tios e primos preparam as redes de pesca. Eu sou o responsável por levar a garrafa de café, já que não sirvo de aprendiz de pesca e não passo de um mero ajudante. Já separo o pó de café, separo o açúcar, pego uma garrafa térmica, com a orientação de minha avó, de não quebrá-la. Passaremos à noite, em um acampamento improvisado, na beira do açude, para realizar a pesca. Não esqueço de pedir ao primo, fumo produzidos por eles, para

eu fumar na beira do açude. Durante a pesca temos uma fogueira acesa durante toda à noite. O resultado da pesca foi bom. Eles pescaram muito peixe e vão vender pela manhã.

Recife, 04 de junho de 2019

Hoje, cheguei a Recife com alegria e um pouco de insegurança para realização do trabalho final do curso de Especialização. Uma amiga, nascida no Estado de Pernambuco e que aqui mora, me recebeu muito bem. Ela me dizia sobre os motivos bons de estar morando em Recife, de voltar a morar no Estado. Entre tantos motivos, enumerou alguns, porém, não disse um dos que eu havia percebido ou ela não expressava naquela conversa inicial: o fato de ser pernambucana a orgulhava. O seu lugar, para o nordestino, é muito importante, assim como para qualquer povo, mas para o nordestino que migra, em busca de melhores condições de vida, visitar ou retornar a viver, em sua “terra” é uma superação, uma luta vivida com vitória conquistada.

Na manhã do dia 04 de junho, vou à padaria, observo, além da queda fricativa /S/ em coda silábica, comportamento linguístico frequente em Lagoa do Itaenga, cidade de Pernambuco que conheço. Essa ocorrência, queda fricativa /S/ também observei na cidade no aqui em Recife.

Observei também o comportamento social dos moradores do Bairro da Várzea. Sou o terceiro da fila, na padaria. O primeiro rapaz é atendido e o próximo a ser atendido diz “Eu quero café com leite e um pão, mas não precisa ter pressa, visse?” Percebo nesta situação, que não somente, estes sujeitos têm consciência da não necessidade da pressa, como também expressam este entendimento, e mesmo que não tenham esta consciência, praticam e expressam ações de não viverem acelerados. Presenciei também situação semelhante no supermercado.

Recife, 05 de junho de 2019

A amiga pernambucana, que mora no Recife, me convidou para fazer uma visita ao bairro chamado Barro. Ela precisou participar de uma atividade acadêmica com estudantes da Universidade, enquanto isso, visitei o entorno e as proximidades do metrô. Uma senhora, com

aparência de uns 30 anos, acompanhada de uns 10 anos, vendia “empadinha”, por um real cada.

Ouçõ o barulho do avião, estou lendo o livro, vim fazer um documentário, por isso, também quis conhecer alguns escritos de Josué de Castro, estou lendo *Documentário Nordeste*, livro com crônicas e contos do autor pernambucano.

Ao escrever estas palavras, percebo vários aviões, em um espaço curto de tempo, por aqui passar, no céu do Recife, trazendo muitos turistas para conhecerem e desfrutarem das lindas praias. Um negócio muito lucrativo para as companhias aéreas e capitalistas. Mais um avião, outro avião...

Não vejo mais a mulher que vende empadas, por um real, com o seu menino. Retomo à leitura, então, percebo, mais uma vez a importância deste trabalho. E não dá para não falar do contexto socioeconômico e histórico: o desemprego aumentou no país e o Brasil voltou para o Mapa da Fome.

Penso e pratico que, alguns trabalhos científicos, não devam apenas tratar dos fenômenos linguísticos, sem os contextos social, político e econômico do país. Por exemplo, o pouco de produção científica que temos no país está ameaçado com o corte de verbas. E isso precisa ser dito e, sobretudo, rejeitado. Como pode tantos aviões e tanta pobreza na Recife de nossos dias?

Recife, 06 de junho de 2019

Por escolha, decidi não escrever a página deste diário deste dia, porque questiono a academia e a legitimação que ela faz dos lugares sociais e imposições da estrutura das relações de classe. Para não parecer mais um panfleto do que um trabalho científico, então, retirei o relato. Sem paciência para mais comentários. Talvez exista um momento de autocensura, também imposta, em alguns momentos da vida.

Lagoa do Itaenga, 07 de junho de 2019

Hoje, após algumas convulsões, ainda na casa do Recife, sai e fiz algumas observações etnográficas. Comuniquei a um amigo da Sociolinguística, que pela primeira vez, faria a famosa entrevista sociolinguística, com microfone de lapela e, de forma consciente, praticaria a etnografia como método de estudo.

Cheguei à Lagoa do Itaenga, com dois amigos da adolescência, quando todos nós morávamos em Francisco Morato, Região Metropolitana de São Paulo, para onde nossas famílias migraram quando crianças. Ela de Pernambuco, ele do Piauí. Sem eles, o trabalho do documentário não teria sido iniciado, pois para ir à Lagoa do Itaenga é preciso ir acompanhado e como não estava muito bem da saúde eles me levaram.

Fui bem recebido na cidade, pelos participantes da pesquisa. Todos eles são da mesma rede social, a qual entrei em contato, são todos familiares. Fortalecemos nossos laços de amizade. Alguns revi porque já tínhamos conversado em 2018. Hoje conversei com B. de 76 anos, N. de 25 anos, N. de 17 anos, G. 15 anos, A. de 5 anos e J. de 70 anos e M. de 28 anos.

Não tenho palavras para agradecer a todos e todas que me receberam em suas casas com café e carinho, que dividiram suas salas e o tempo de suas vidas comigo.

Iniciei as gravações das primeiras cenas do documentário. É tarde da noite, e amanhã, é outro dia que valerá apenas e será inesquecível. Gravei a apresentação e imagens da cidade Lagoa do Itaenga. Agora vou dormir com o cantar dos grilos.

Lagoa do Itaenga e Recife, 08 de junho de 2019

Tomo café, me despeço, vou para a Rodoviária do Recife. O ônibus que vai para Arapiraca/AL acabou de quebrar, próxima saída será 23h da noite.

Arapiraca, 09 de junho de 2019

Em um dia, eu andei quilômetros, conheci povoados, revi os parentes, fui à plantação de fumo e ao açude. Realizei as gravações. À noite fui à festa de Santo Antônio, em uma das principais igrejas da cidade. Foi tudo tão intenso que não tive tempo para fumar o fumo de Arapiraca e contemplar a paisagem do agreste como no ano passado.

Lagoa do Itaenga, 10 de junho de 2019

Estou no ônibus, de volta à Lagoa do Itaenga porque falta gravar a avó cantando moda e ciranda. N. me recebeu no ponto de ônibus, pois a cidade é muito violenta e, infelizmente, preciso estar acompanhado para andar nas ruas. Estou pensando nas palavras e expressões que encontrei. Na cabeça a cantoria de vó, também alguns pensamentos de dificuldades, nesse momento do regresso, mas o que é genuíno resiste.

APÊNDICE B – Roteiro: Segunda parte

Uma história não se faz e nem se conta sozinho. Ela também pode ser expressa também por várias linguagens. Foi pensando nisso que criei um documentário. Com um roteiro muito básico. Quando fui gravar, apesar de o roteiro está escrito, constatei que ele não estava finalizado, assim como a vida, ele estava numa incompletude que se preenche, de forma não linear.

Cena 1: Rua de Lagoa do Itaenga

Cena 2: Estrada de Arapiraca

Cena 3: Andar dos nordestinos na rua de Lagoa do Itaenga (apenas pernas). Primeiro Cláudio e Verônica. Cena de costas. Cena de frente.

Cena 4: ônibus saindo da rodoviária de Recife

Cena 5: Rodoviária de Arapiraca

Cena6: Plantação de fumo

Cena 7: Explicação do Tiago sobre a plantação de fumo

Cena 8: Plantação de fumo e voz do Tiago.

Cena 9: Lagoa do Itaenga- Cláudio

Cena 10: Rua do centro de Lagoa do Itaenga e entrevista sobre o jeito de falar da cidade

Cena 11: Avó do Cláudio e Cláudio

Cena 12: Cena do açude

Cena 13: Entrevista com o Chiquinho

Cena 14: Avó do Cláudio

Cena 15: Entrevista com Tiago

Cena 16: Cena de Lagoa do Itaenga

Cena 17: Entrevista com avó

Cena 18: Imagem da Igreja de Lagoa do Itaenga

Cena 19: Entrevista na Praça de Arapiraca.

Cena 20: Cláudio na rua de Lagoa do Itaenga. Cláudio e Verônica dançando forró.

Cena 21: Explicação sociolinguística

Cena 21: Narrativa de um texto, autor de Pernambuco.

Cena 22: Narrativa de um texto, autor de Alagoas.

Cena 23: Fechamento com a voz do menino falando “documentário do nordeste”.

ANEXOS

ANEXO A – POEMAS E EXCERTO DA NARRATIVA

Os textos abaixo serão parcialmente lidos e gravados para utilização de cenas no documentário.

Volta a Pernambuco

(João Cabral de Melo Neto)

Contemplado a maré baixa

Nos mangues do Tijipió

Lembro a baía de Dublin

Que daqui já me lembrou.

Em meio à bacia negra

Desta maré quando em cio

Eis a Albufera, Valência,

Onde o Recife me surgiu.

As janelas do cais da Aurora,

Olhos cumpridos, vadios

Incansáveis, como em Chelsea,

Vem rio substituir rio,

E essas várzeas de Tiama
Com seus estendais de cana
Vêm devolver-me os trigais
De Guadalajara, Espanha.

Mas as lajes da cidade
Não me devolvem só uma
Nem foi só cidade
Que me lembrou destas ruas.

As cidade se parecem
Na pedra do calçamento
Das ruas artérias regando
faces de vario cimento,

por onde iguais procissões
do trabalho, sem andor,
vão levar o seu produto
aos mercados de suor.

Todas lembravam Recife
Este em todas se situa,
Em todas em que é um crime
Para o povo estar na rua,

Em todas em que esse crime,
Traço comum que surpreendo,
Pôs nódoas de vida humana
Nas pedras do pavimento.

Trecho do capítulo *Manhã*, do livro *Infância*, de Graciliano Ramos

Mergulhei numa comprida manhã de inverno. O açude apoiado, a roça verde, amarela e vermelha, os caminhos estreitos mudados em riachos, ficaram-me na alma. Depois veio a seca. Árvores pelaram-se, bichos morreram, o sol cresceu, bebeu as águas, e ventos mornos espalharam na terra queimada uma poeira cinzenta. Olhando-me por dentro, percebo com desgosto a segunda paisagem. Devastação, calcinação. Nesta vida lenta sinto-me coagido entre duas situações contraditórias –uma longa noite, um dia imenso enervante, favorável à modorra. Frio e calor, trevas densas e claridades ofuscantes. (p.19)

Re-volta à Alagoas

(Cláudio Adão)

Somos todos paraíba!
Daqueles povos do Brasil,
o nordestino, de fato,
é o verdadeiro cabra da peste,
Forte
Resistente!

Retorno à Alagoas, minha terra
que minha nunca foi,
é dos latifundiários.

Felicidade se sente
e quando menos se espera,
é hora de regressos!

Somos todos baianos!

Daqueles povos do Brasil,
o nordestino, de fato,
é o verdadeiro cabra da peste,
Forte
Resistente!

Estar aqui agora
não querer ir embora
é estado permanente
de migrares forçosos!

Seresteiro que não sou,
Sem amor ausente,
mas de mim distante,
não dá para ser sereno.
Resistente sou!

É pelo conhecimento e contra os preconceitos
que canto contra os retrocessos:

Somos todos nordestinos!
Daqueles povos do Brasil,
o nordestino, de fato,
é o verdadeiro cabra da peste
Forte!
Resistente!

ANEXO B – Breve comentário sobre a narrativa implícita no Documentário

O Documentário *Doc. Nordeste- Palavras e expressões de Lagoa do Itaenga/PE e Arapiraca/AL* teve como objetivo conhecer sobre o português dessa região brasileira e fazer uma divulgação científica e cultural. No título e no filme, a palavra *expressões* ganha também outra conotação, pois o fato do retorno de sujeitos que são originários das duas cidades expressarem sentimentos e posicionamentos diante do mundo ganha importância.

Verônica é natural de Lagoa do Itaenga, migrou para São Paulo e depois de passar por universidades consideradas referências em ensino e pesquisa no país, realizou seu Doutorado em Química pela USP e no momento é professora do IFPE. Cláudio, também estudou em universidades de excelência e atualmente cursa o mestrado em Linguística na Unicamp. Essas informações não são destacadas no documentário, mas pernambucanos e alagoanos são os sujeitos do documentário. Dentro de uma sociedade com estrutura elitista e excludente, conquistar espaços em ambientes extremamente hierarquizados, infelizmente, não é uma regra para os mais pobres. Por isso, os dois são expressões ou se expressam sobre os seus lugares geográficos.

Apesar de os informantes deste trabalho serem das duas famílias, de Cláudio e Verônica, eles estão inseridos dentro de um bairro, de um povoado e de uma cidade que fala, com características peculiares e culturas próprias.

Não se trata aqui de escrever ou expressar uma biografia ou uma story, ou ainda fazer uma amalgama de gêneros, nem digressões que não gerem sentidos, contudo essas informações contextuais são extremamente válidas. Por exemplo, o sentimento de não esquecer as suas raízes e sua cultura são muito forte na família Nascimento, família de Verônica.

Não é meu objetivo realizar uma sinopse do documentário, nem deixar uma descrição incompleta. Contudo, a melhor forma de ver alguns elementos aqui apontados é assistindo ao filme produzido.

ANEXO C- Cartaz de divulgação da pré-estreia e cine-debate

C I N E - D E B A T E
PRÉ-ESTREIA DO DOCUMENTÁRIO

DOC. NORDESTE

PALAVRAS E EXPRESSÕES DE LAGOA DO ITAENGA-PE & ARAPIRACA-AL



ROTEIRO, DIREÇÃO E PESQUISA LINGÜÍSTICA
CLAUDIO ADÃO

GÊNERO: DOCUMENTÁRIO
DURAÇÃO: 19 MIN
SINOPSE

"DOC.NORDESTE: PALAVRAS E EXPRESSÕES DE LAGOA DO ITAENGA E ARAPIRACA/AL"
É UM DOCUMENTÁRIO, RESULTADO DE UMA PESQUISA LINGÜÍSTICA DA ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS DA UFSC. O TRABALHO CORRELACIONA O ESTUDO DE LÍNGUA COM CULTURA POR MEIO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA ESTUDAR A LÍNGUA EM SEU CONTEXTO SOCIAL E TAMBÉM FAZER A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL.

ORIENTAÇÃO PROFA. DRA. ROBERTA PIRES DE OLIVEIRA & KAYRON BEVILÁQUA (UFSC)
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL





ANEXO D- Canal no Youtube

The image shows a screenshot of a YouTube channel page. At the top, there is a search bar with the text 'Pesquisar' and a 'FAZER LOGIN' button. Below the search bar is a banner image with the text 'DIVULGAÇÃO LINGUÍSTICA, LITERÁRIA & CULTURAL' and 'PALAVRAS E EXPRESSÕES'. The channel name is 'Letras & Linguística' with 3 subscribers. There is a red 'INSCREVER-SE' button. Below the channel name are tabs for 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'PLAYLISTS', 'CANAIS', 'DISCUSSÃO', and 'SOBRE'. The main content area shows a video titled 'Teaser do Documentário' with 7 views and posted 1 month ago. The video description reads: '*Doc. Nordeste: Palavras e Expressões de Lagoa do Itaenga/PE e Arapiraca/AL* é um documentário, resultado de uma pesquisa linguística da Especialização em Linguagens da UFSC. O trabalho utiliza'.

Link: <https://www.youtube.com/channel/UCrARCr3dBXRIF5Rp5NFPZBQ>